



## A INFLUÊNCIA DA CULTURA DO CONSUMO NA ALIMENTAÇÃO HUMANA: A (IN) SUSTENTABILIDADE DO CONSUMO DE PROTEÍNA ANIMAL

### THE INFLUENCE OF CULTURE OF CONSUMPTION IN HUMAN FOOD: THE (IN) SUSTAINABILITY OF ANIMAL PROTEIN CONSUMPTION

Clarissa de Souza Guerra <sup>1</sup>  
Fabiana Barcelos da Silva Cardoso <sup>2</sup>

#### RESUMO

A presente pesquisa visa analisar, através do método histórico dedutivo, a influência que a cultura do consumo exerce sobre a alimentação humana, no que tange ao consumo de produtos de origem animal. O ato de consumir é indissociável à condição humana, sendo a alimentação considerada uma espécie de consumo que, dada à necessidade de subsistência, revela-se essencial. No entanto, diante das transformações verificadas nas relações sociais, o consumo assumiu um caráter essencialmente capitalista, não ocorrendo somente para suprimento de necessidades humanas. Daí, emerge a ideia de cultura de consumo, em que a aquisição de um produto é, na verdade, uma decisão coletiva, e se dá muito mais em virtude da marca, do que em detrimento do benefício ou da utilidade daquele. Nesse contexto, a sociedade do consumo, aliada à ideia de dominação humana em relação ao meio ambiente, influenciou os hábitos alimentares dos indivíduos, principalmente, em relação à indústria da pecuária. Por outro lado, intensificam-se as discussões sobre a importância da preservação ambiental, a partir de práticas sustentáveis, que viabilizem a harmonia entre as espécies. Nesse contexto, a pecuária mostra-se como um dos atos mais prejudiciais à natureza, na medida em que implica na maior utilização de recursos naturais, como a água, se comparada à produção de outros tipos de alimentos, como os cereais. Por isso, é relevante a proteção estatal aos formatos alimentares alternativos, que não contemplam a proteína animal, já que seus adeptos, na condição de consumidores, são detentores de direitos, perante o Poder Público e a sociedade.

Palavras-chave: Cultura do consumo; alimentação; preservação ambiental.

#### ABSTRACT

The present research aims to analyze, through the deductive historical method, the influence that the culture of the consumption exerts on the human feeding, with respect to the consumption of products of animal origin. The act of consuming is inseparable from the human condition, and food is considered a kind of consumption that, given the need for subsistence, is essential. However, faced with the transformations verified in social relations, consumption assumed an essentially capitalist character, not only occurring to supply human needs. Hence, the idea of consumer culture emerges, in which the acquisition of a product is in fact a collective decision, and much more is

<sup>1</sup> Acadêmica do 10º semestre do Curso de Direito da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5281346126575748>. [clarasouzaguerra@hotmail.com](mailto:clarasouzaguerra@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professora Titular do Curso de Direito da URI-Campus Santiago. Especialista em Direito Civil e Processual Civil. Mestre em Direito pela Universidade de Caxias do Sul. Coordenadora da linha de ação GEDC - Grupo de Estudos do Direito do Consumidor, dentro do Grupo de Extensão Aprendizado Jurídico da URI-Campus Santiago. Coordenadora da Especialização em Direito Civil da URI-Campus Santiago.



given by virtue of the brand than to the detriment of the benefit or utility of the brand. In this context, the consumer society, combined with the idea of human domination of the environment, influenced the habits of individuals, especially in relation to the livestock industry. On the other hand, the discussions on the importance of environmental preservation are intensified, based on sustainable practices, which enable harmony between species. In this context, livestock farming is one of the most harmful to nature, since it implies a greater use of natural resources, such as water, when compared to the production of other types of food, such as cereals. Therefore, it is relevant to state protection to alternative food formats, which do not include animal protein, since its supporters, as consumers, are holders of rights, before the Government and society.

Key-words: Culture of consumption; feeding; preservation.

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa versa sobre a cultura do consumo relacionada aos hábitos alimentares humanos, principalmente, no que tange à influência das práticas culturais e sociais sobre o consumo de proteína animal. As relações de consumo que os seres humanos estabelecem para suprimento de suas necessidades vitais, como a alimentação, são diretamente influenciadas pelas transformações culturais verificadas no seio social. Diante disso, o ato de consumir não ocorre mais com o único intuito de subsistência, sendo voltado, também, ao suprimento dos anseios emocionais e psíquicos dos indivíduos. É nesse cenário que a prática de adquirir produtos se torna um ato cultural.

Nesse contexto, considerando que a alimentação é um fenômeno cultural e representa uma relação de consumo, cabe avaliar em que medida a cultura do consumo influencia a ingestão de produtos de origem animal. É interessante dizer que essa análise é necessária, em se tratando da pecuária uma das maiores responsáveis por problemas ambientais no mundo inteiro. Por isso, num momento em que é dada importância a práticas ecologicamente sustentáveis, mostra-se relevante arguir a interferência cultural frente a esse hábito alimentar.

Tem-se como objetivos norteadores o estudo da cultura do consumo, enquanto um fenômeno socioeconômico, que se relaciona a vida humana em diversos aspectos, bem como analisar as concepções a respeito da alimentação como um ato cultural, bem como o papel da cultura frente ao hábito alimentar de consumo de proteína animal. Finalmente, verifica-se as implicações ecológicas dessa prática e as consequências para a vida de todas as espécies vivas.

A metodologia adotada é a histórico-dedutiva, na medida em que se aprofunda a



construção histórica do consumo até o modelo atual de cultura do consumo, com análise de como esse desdobramento interfere na alimentação humana, diante das problemáticas sociais e ecológicas atuais.

Inicialmente, faz-se um estudo teórico em torno da cultura do consumo, estabelecendo os antecedentes e os fenômenos sociais que contribuíram para que se chegasse a uma sociedade do consumo. Em seguida, contrapõe-se o viés do consumo às práticas alimentares atuais, auferindo em que medida ambas estão correlacionadas. Por fim, expõe-se as consequências do consumo de proteína animal para o ecossistema.

## 1 A CULTURA DO CONSUMO E A ALIMENTAÇÃO HUMANA

Consumir é um hábito que acompanha as pessoas, desde os primórdios da humanidade, estando associado à sua personalidade individual ou social. Num primeiro momento, o consumo se dava para suprir necessidades vitais, como a alimentação, medicamentos e de vestuário, sem que houvessem interesses puramente comerciais por trás desse processo. Bauman, ao se referir ao consumo, o aponta enquanto uma condição e um aspecto, “permanente e irremovível, sem limites temporais ou históricos; um elemento inseparável da sobrevivência biológica que nós humanos compartilhamos com todos os outros organismos vivos”<sup>3</sup>.

Como se vê, o ato de consumir, é indissociável da vida humana e, mesmo que de forma indireta, também se aplica à sobrevivência das demais espécies vivas. Contudo, esse cenário se alterou diante das inovações tecnológicas e do progresso das ciências, que interferiram diretamente nas relações de consumo. Estas “deixaram de ser pessoais e diretas”<sup>4</sup>, passando a operações impessoais e indiretas, inclusive, a partir da compra e venda pelo meio virtual.

No que tange à cultura do consumo, deve-se conceber, inicialmente, a cultura como “um complexo que combina crenças, moral, conhecimentos, artes, leis, hábitos e costumes adquiridos pelo indivíduo, como fruto da sua relação com os demais membros da

<sup>3</sup> BAUMAM, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 37.

<sup>4</sup> ALMEIDA, João Batista de. **Manual de direito do consumidor**. - 5. ed. rev. - São Paulo: Saraiva, 2011, p. 18.



sociedade em que está inserido”<sup>5</sup>. Dessa forma, pode-se dizer que a cultura representa a vida em sociedade, expressando os anseios e as expectativas coletivas dos sujeitos de um determinado local. Nesse sentido, acaba por interferir nas escolhas de consumo desses sujeitos. Assim:

(..) o consumo é, na verdade, um instrumento para a representação e para a reprodução de culturas, por parte dos indivíduos: uma espécie de compartilhamento cultural, utilizado principalmente para estimular hábitos de compra a influenciar comportamentos de outros consumidores.<sup>6</sup>

Como se vê, o consumo reproduz os valores intrínsecos aos sujeitos, estando relacionado, muito mais, à simbologia de determinados produtos, do que à utilidade dos mesmos. Essa representatividade se dá a partir de uma escolha coletiva e não, necessariamente, de uma opção particular ou pessoal.

Barros e Carvalho, em artigo a respeito do tema, apontam as ideias de Baudrillard a respeito do consumo, dentre as quais a de que este é orientado pelo status social da mercadoria e, também, pelo preenchimento dos vazios emocionais que o ato de consumir proporciona<sup>7</sup>. Nesse contexto, Benjamin, Marques e Bessa destacam o pensamento de Georg Simmel, segundo o qual “o ser humano é um ser dualístico por essência, o que faz com que suas ações sejam direcionadas por estes impulsos (Trieb) antagônicos e plurais, de integração social (...) e de satisfação pessoal”<sup>8</sup>.

O ato de consumir seria uma forma de o ser humano saciar seus anseios pessoais e, também, de incluir-se socialmente. Isso conduziria à consideração do consumidor como o “rei” do mercado, “aquele cuja vontade decidiria soberanamente a compra ou a recusa de

<sup>5</sup> SCAUTULINO, Patricia Leite da Silva; TROCCOLI, Irene Raguenet; ZAFANELI, Eduardo Santos Rocha. **Cultura de consumo e valores pessoais do consumidor: contribuições científicas e proposta de um framework**. Revista do CEPE. Santa Cruz do Sul, n. 43, p. 35-48, jan./jun. 2016. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/cepe/article/view/6852/5039>>. Acesso em: 20 ago 2017, p. 38.

<sup>6</sup> SCAUTULINO, Patricia Leite da Silva; TROCCOLI, Irene Raguenet; ZAFANELI, Eduardo Santos Rocha. Op cit, p. 40.

<sup>7</sup> BARROS, Antonio Claudio da Silva; CARVALHO, Cássia Torres de. **A sociedade de consumo e a cultura de massa no mundo pós-moderno de Clube de Luta**. Disponível em: <[http://revistapensar.com.br/comunicacao/pasta\\_upload/artigos/a25.pdf](http://revistapensar.com.br/comunicacao/pasta_upload/artigos/a25.pdf)>. Acesso em: 20 ago 2017, p. 02.

<sup>8</sup> BENJAMIN, Antonio Herman V; MARQUES, Claudia Lima; BESSA, Leonardo Roscoe. **Manual de direito do consumidor** - 6. ed. rev, atual. e ampl. - São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, pgs. 46-47.



compra de um produto”<sup>9</sup>. Ocorre que a massificação do consumo, a produção em série e a globalização fizeram com que o consumidor se moldasse às ofertas do mercado, buscando saciar seus anseios pessoais e, também, os do grupo social em que está inserido.

Nesse contexto, a expressão “consumismo”, que se difere de consumo, “chega quando o consumo assume o papel-chave que na sociedade de produtores era exercido pelo trabalho”<sup>10</sup>. Essa alteração se deu, conforme Bauman, como conteúdo da “revolução consumista” e se caracteriza pela constante movimentação da “sociedade de consumidores”, conforme um formato específico de convívio humana. Advém, daí, uma manipulação das probabilidades de escolha e condutas individuais, pela cultura do consumo que se estabeleceu<sup>11</sup>.

Diante desse cenário e das alterações verificadas no mercado de consumo, desde a promulgação da Constituição Federal de 1988, sentiu-se a necessidade de regulamentar a proteção ao consumidor, o que culminou com o Código de Defesa do Consumidor, reconhecendo a vulnerabilidade da pessoa humana, na relação de consumo. Assim:

Se as relações de consumo têm funções econômicas, têm funções particulares de circulação das riquezas, a função social deve necessariamente envolver o reconhecimento da vulnerabilidade da pessoa humana, nos seus vários papéis ou status, inclusive de consumidor na sociedade de consumo atual.<sup>12</sup>

Sob esse viés, a alimentação, fator indispensável à vida humana e elemento cultural dos povos, é, naturalmente, um ato de consumo, estando sujeita à proteção estatal deferida aos consumidores. Assim, na medida em que a segurança alimentar e nutricional também é um direito dos brasileiros, alimentar-se de modo seguro é ter acesso a alimentos em quantidade e qualidade suficiente à subsistência. Por outro lado, as formas de alimentação variam, conforme o arcabouço cultural de cada comunidade humana, podendo assumir modelos distintos, com o devido amparo do direito à liberdade de escolha.

<sup>9</sup> BENJAMIN, Antonio Herman V; MARQUES, Claudia Lima; BESSA, Leonardo Roscoe. Op. cit., p. 47.

<sup>10</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 41.

<sup>11</sup> BAUMAN, Zygmunt. Op. cit., p. 41.

<sup>12</sup> BENJAMIN, Antonio Herman V; MARQUES, Claudia Lima; BESSA, Leonardo Roscoe. **Manual de direito do consumidor** - 6. ed. rev. atual. e ampl. - São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, pg. 49.



Nesse contexto, há grupos de consumidores que, por fatores éticos e morais, influenciados por determinada cultura, adotam estilos de vida diferentes, com alimentação desprovida de proteína animal, como é o caso dos veganos e vegetarianos. No entanto, por vezes, esses consumidores não encontram à disposição produtos e informações capazes de saciar as suas necessidades vitais, em conformidade com seus princípios éticos, restando violados alguns de seus direitos fundamentais, como o direito à segurança alimentar e à informação.

### 1.1 A cultura do consumo relacionada aos hábitos alimentares: a alimentação como componente cultural

A alimentação, além de representar a forma de sustento físico humano, também, fortalece a dignidade das pessoas. Envolve a cultura dos povos, pois requer a escolha e a transformação de recursos naturais, de acordo com os costumes e os desejos de cada comunidade.

Na experiência humana, de fato, os valores de base do sistema alimentar não se definem em termos de “naturalidade”, mas como resultado e representação de processos culturais que preveem a domesticação, a transformação, a reinterpretção da natureza.<sup>13</sup>

Alimentar-se pressupõe a transformação de produtos de origem animal e vegetal retirados da natureza, em prol do sustento humano. Ocorre que essa transformação assumiu, ao longo do tempo, traços diversos, em decorrência de processos como as inovações tecnológicas, a industrialização, que interferiram, também, nas relações de consumo.

Segundo Valente, “os hábitos e práticas alimentares de um ser humano, de sua família e de sua comunidade são um produto da história e da vida de seus antepassados”<sup>14</sup>, apontando, inclusive, a capacidade econômica e física de acesso aos alimentos. Por isso, pode-se dizer que as alterações no mercado financeiro e as transformações nas relações de consumo refletem diretamente na alimentação humana.

<sup>13</sup> MONTANARI, Massimo. *Comida como Cultura*. São Paulo: Editora Senac, 2008, p. 15.

<sup>14</sup> VALENTE, Flávio Luiz Scheick. *Direito humano à alimentação: desafios e conquistas* / (organizador) Flávio Luiz Scheick Valente. - São Paulo: Cortez, 2002, p. 103.





É interessante apontar que, estando a alimentação associada a relações de consumo, a disponibilidade de produtos e o manuseio destes se modificou, nas últimas épocas. Num primeiro momento, os sujeitos produziam seus alimentos em casa e estavam submetidos à sazonalidade das espécies, tendo de se adequar conforme o clima e as épocas de produção. No entanto, com a ideia de aldeia global e com o desenvolvimento de técnicas robustas de produção, “é possível encontrar produtos frescos em todas as épocas do ano, empregando o sistema-mundo como área de produção e de distribuição”<sup>15</sup>.

Além disso, as redes de alimentação, como os fast food, traduzem bem a concepção de cultura de consumo, que ocorre mais em virtude da marca do que propriamente da relação necessidade/benefício do produto. Evidencia-se, na sociedade de consumo, uma necessidade de adquirir, inclusive alimentos, sob uma escolha que, muitas vezes, é coletiva e não pessoal. Nesse sentido:

Na economia consumista, a regra é que primeiro os produtos apareçam (sendo inventados, descobertos por acaso ou planejados pelas agências de pesquisa e desenvolvimento), para só depois encontrar suas aplicações. Muitos deles, talvez a maioria, viajam com rapidez para o depósito de lixo, não conseguindo encontrar clientes interessados, ou até antes de começarem a tentar.<sup>16</sup>

Nesse contexto, o consumo de produtos de origem animal, assim como a alimentação em geral, é fortemente influenciado pelo meio social em que o indivíduo se encontra. No Brasil, a indústria da carne, a pecuária, está vinculada ao desenvolvimento socioeconômico do país e recebe incentivos junto ao Poder Público. Dessa forma, muito mais do que um ato enraizado à cultura, no que se refere ao estado do Rio do Grande do Sul, por exemplo, há um interesse nacional de que a indústria da pecuária se mantenha sólida.

Deve-se considerar que ao consumidor são assegurados alguns direitos no que tange à alimentação enquanto uma relação de consumo. Por isso, embora a indústria de produtos à base de proteína animal esteja vinculada a interesses políticos e econômicos do país, é necessário que a proteção do consumidor, na forma da lei, seja efetivada.

<sup>15</sup> MONTANARI, Massimo. *Comida como Cultura*. São Paulo: Editora Senac, 2008, p. 44.

<sup>16</sup> BAUMAM, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, pgs. 53-54.



## 1.2 A alimentação à base de proteína animal e a cultura do consumo

É certo dizer que a alimentação e o consumo estão intrinsecamente ligados, no que se refere à condição humana de sujeito que precisa dos alimentos como meios de subsistência. É relevante analisar, porém, a relação entre o consumo de proteína animal e a cultura, sob o viés da alimentação como suprimento físico e emocional dos indivíduos, a partir da apropriação de animais como alimento.

Poulain preconiza em sua obra “Sociologias da alimentação” que a alimentação possui uma espécie de ansiedade que lhe é fundamental, a qual se dá a partir da contradição entre obrigação biológica que a alimentação impõe aos indivíduos e a pressão que a sociedade em si realiza no sentido de que se pode comer apenas alimentos conhecidos, socializados, identificados e valorizados. Nesse contexto, destaca três ambivalências da alimentação humana, as quais correspondem formas diversas de ansiedade. É interessante analisar a terceira ambivalência apontada pelo autor, pois

A terceira ambivalência enraíza-se nas *relações com a vida e com a morte*. Ela baseia-se no fato de que o ato alimentar é uma necessidade absoluta e incontornável para viver, mas que ele implica, na maior parte do tempo, a morte de animais que são considerados comestíveis. Algumas culturas levantam esse paradoxo colocando uma proibição sobre os alimentos que requerem a morte de um animal e preconizam o vegetarianismo.<sup>17</sup>

Nesse contexto, é interessante perceber que, na maioria dos casos, objetiva-se reconhecer a morte do animal como legítima a partir do enquadramento da morte alimentar num conjunto de rituais e de concepções sociais que conduzam a isso. O autor aponta, ainda, que a ansiedade, nesse caso, é ocasionada pelo “conflito moral entre a necessidade de comer carne e o fato de dever para isso impor sofrimentos aos animais e tirar-lhes a vida”<sup>18</sup>.

Em relação a essa ambivalência, pode-se dizer que cada forma de organização social desenvolveu modos de regulação variados, já que se coloca em pauta a aceitação

<sup>17</sup> POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar*/ Jean-Pierre Poulain; tradução de Rossana Pacheco da Costa Proença, Carmem Sílvia Rial, Jaimir Conte. 2. ed. - Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013, p. 95.

<sup>18</sup> Idem, *ibidem*, p. 95.





moral do abate de animais. Exemplo disso são os agricultores e criadores de animais e a tradição judaico-cristã:

Entre os agricultores ou criadores de animais, o animal doméstico é muito frequentemente utilizado com a autorização divina. Na tradição judaico-cristã, depois da queda no paraíso, a autorização para consumir animais é explicitamente dada aos homens: “Tudo o que se move e que vive vos servirá de alimento; assim como o verde das plantas, eu vos dou tudo, somente não comereis a carne com o seu sangue” (Gênesis 9.3, ver SOLER, 1973)<sup>19</sup>

Percebe-se, então, que cada povo, conforme suas crenças e regras, estabelece critérios distintos para a utilização da carne de animais como componente de sua alimentação. Os brasileiros têm por hábito a produção de animais para o abate, o que conduz a um intenso consumo de carne, incentivado inclusive pela mídia.

Em se tratando do Rio Grande do Sul, um dos estados em que o consumo de carne tem maior força, importa destacar que “o churrasco foi alçado ao patamar de prato emblemático (Maciel, 1996), e o consumo de substanciosas quantidades de carne (principalmente bovina), em ocasiões específicas, está integrado ao calendário alimentar de famílias e grupos sociais”<sup>20</sup>. Diante disso, vê-se que é muito mais uma questão cultural do que propriamente nutritiva o grande contingente de consumo de carne no referido estado.

Por outro lado, esse consumo, sob o viés cultural, está associado à ideia especista de que o ser humano pode utilizar os recursos naturais, de forma desmedida, sob a justificativa de sobrevivência. Ocorre que essa ideia é veiculada há muito tempo, constituindo-se como um hábito das pessoas pensar e agir dessa maneira. Por isso, os discursos em prol da libertação animal, na forma de estilos de vida alternativos, são rejeitados ou considerados de menor importância<sup>21</sup>.

<sup>19</sup> POULAIN, Jean-Pierre. **Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar** / Jean-Pierre Poulain; tradução de Rossana Pacheco da Costa Proença, Carmem Sílvia Rial, Jaimir Conte. 2. ed. - Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013, p. 96.

<sup>20</sup> SORDI, Caetano. **Das Carcaças e Máquinas de quatro estômagos: Estudo das controvérsias sobre o consumo e a produção de carne no Brasil**. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS. Porto Alegre, 2013, p. 64

<sup>21</sup> NUNES, Ernesto Luiz Marques. **Vegetarianismo além da dieta: ativismo vegano em São Paulo**. São Paulo, 2010. Disponível em: <  
<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/4199/1/Ernesto%20Luiz%20Marques%20Nunes.pdf>>. Acesso em: 28/05/2017, p. 73.



Dessa forma, demanda grande esforço a inserção cultural e social das pessoas que aderem ao veganismo e ao vegetarianismo, por exemplo, dado à influência constante da mídia e do próprio Estado em prol do consumo de produtos de origem animal. A própria concepção de cultura do consumo conduz à ideia de que a natureza é passível de dominação humana, devendo os animais serem utilizados como alimento.

Contudo, outros fatores, além do bem-estar animal, devem ser observados em relação ao consumo da proteína animal, como as hipóteses de prejuízo à saúde humana e ao equilíbrio entre as espécies.

## 2 A (IN) SUSTENTABILIDADE DO CONSUMO DE PROTEÍNA ANIMAL

Como se sabe, a proteína animal compõe a dieta humana há muito tempo, apesar de, ultimamente, determinados estilos de vida, alternativos, defenderem o abandono da carne enquanto alimento. Dentre os argumentos para tal tese, apresentam-se a hipótese da pecuária como um dos fatores responsáveis pelo desmatamento de grandes áreas de florestas e o consumo da carne como um dos causadores de doenças cada vez mais comuns em humanos. Além disso, a fome, uma das facetas da insegurança alimentar, é apontada como uma das consequências da pecuária.

É relevante apontar que, no que tange à carne enquanto causadora de importantes doenças da civilização, até então, não se chegou a consenso algum. Apesar disso, Caetano Sordi aponta a colocação de Hugues Bonardi, no manual “Receitas da Cozinha natural”, no sentido de que problemas cardiovasculares, alguns tipos de câncer, alergia e reumatismos estariam associados a esse hábito alimentar<sup>22</sup>.

Tirar a vida de um animal para este sirva de alimento às pessoas traduz uma visão especista humana em relação aos outros formatos de vida. Ocorre que, frente às questões ambientais emergentes, relacionadas à necessidade de se repensar certas atitudes em prol da natureza, o consumo de proteína animal revela-se como uma prática contrária à sustentabilidade. Assim, “matar um animal não é um ato banal, através dele o homem

<sup>22</sup> SORDI, Caetano. *Das Carcaças e Máquinas de quatro estômagos: Estudo das controvérsias sobre o consumo e a produção de carne no Brasil*. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS. Porto Alegre, 2013, pgs. 82-83.



intervém na ordem natural”<sup>23</sup>, não se tratando apenas de uma questão de bem estar animal, mas sim, de ordem humanitária, que pode interferir na vida das presentes e futuras gerações.

Nesse contexto, deve-se considerar que a alimentação traduz uma forma de relação das pessoas com o meio ambiente. Por isso, ao utilizar os animais como alimento, o ser humano interfere diretamente na aldeia global. Ainda, sob a ótica do bem-estar animal, o consumo de produtos de base animal implica na desconsideração dos interesses dessas espécies. Peter Singer, em “Libertação Animal”, aponta que os animais são dotados de “senciência”, isto é a capacidade de sofrer e de sentir prazer. Consiste em “um pré-requisito para um ser ter algum interesse, uma condição que precisa ser satisfeita antes que possamos falar de interesse de maneira compreensível”<sup>24</sup>. Por isso, diz-se que os animais têm o interesse de não sofrer e, portanto, de não serem submetidos à dor, à tortura e à morte cruel.

Os animais possuem órgãos de sensibilidade semelhantes aos dos humanos e, com isso, resta comprovada a sua capacidade de captar sensações, devendo este fator ser considerado quando do abate com destino à alimentação das pessoas. Contudo, a essência do especismo está no fator de o ser humano provocar dor ou tirar a vida de um animal, enquanto não teria coragem de fazer o mesmo em um de seus semelhantes, sob o prisma de que a vida humana é dotada de sacralidade. Não se deve, porém, estabelecer quando é errado matar, de forma indolor, um animal, “desde que lembremos que devemos proporcionar, à vida dos animais, o mesmo respeito que conferimos à vida dos seres humanos com nível mental semelhante”<sup>25</sup>.

Em contrapartida, outro viés desse mercado está associado a questões ambientais. Nesse contexto, os defensores de dietas vegetarianas e veganas afirmam que a agricultura “produz de 10 a 20 vezes mais alimentos do que a criação de gado numa superfície da mesma extensão”<sup>26</sup>, justificando o maior rendimento na produção de vegetais se

<sup>23</sup> POULAIN, Jean-Pierre. **Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar**/ Jean-Pierre Poulain; tradução de Rossana Pacheco da Costa Proença, Carmem Sílvia Rial, Jaimir Conte. 2. ed. - Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013, p. 244.

<sup>24</sup> SINGER, Peter. **Libertação Animal**/ Peter Singer; tradução Marly Winckler, Marcelo Brandão Cipolla; Revisão técnica Rita Paixão. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 13.

<sup>25</sup> Idem, *Ibidem*, p. 33.

<sup>26</sup> CARNEIRO, Henrique. **Comida e Sociedade: uma história da alimentação**. - Rio de Janeiro: Campus, 2003, p. 63.



comparada à pecuária. Por isso, a alimentação a base de vegetais constituiria uma das possibilidades para que o problema da fome em escala mundial fosse atenuado.

Pode-se dizer que a pecuária apresenta riscos para a preservação ambiental, na medida em que:

(...) ao se alimentarem de rações ou preparados, os animais confinados passam a se alimentar de grãos, soja ou milho, que nós também comemos. Em certa medida, ao consumirem rações, os animais de produção de tornam nossos comensais. Em tempos de crise ecológica e nutricional, isto implica dividir com eles uma parte da produção cerealífera. Para a crítica ambientalista e vegetariana, a reserva desta parte (para não dizer a maior parte) dos cereais para o consumo animal é visto como escandalosa, por ser ambiental e socialmente nociva.<sup>27</sup>

Nesses termos consiste a justificativa dos defensores das formas alternativas de alimentação, no sentido de que a produção de animais para o abate, a partir de cereais, implica em impulsionar a fome e o desequilíbrio ambiental. Aliado a isso, a produção de um quilo de carne implica na utilização de muitos quilos de cereal e muitos mais litros de água, restando demonstrada a inviabilidade desse sistema<sup>28</sup>.

Além disso, a pecuária está associada à emissão de gases de efeito estufa, já que as queimadas são utilizadas como mecanismo de desmatamento, para abertura de pastos e campos para o cultivo de alimentação para o gado<sup>29</sup>. Essa prática prejudica mais o meio ambiente do que o setor de transportes. Ocorre que, mesmo diante de atos desastrosos para o meio ambiente, não há um interesse estatal em coibi-los, visto que a pecuária se trata de um dos setores econômicos mais rentáveis do país.

Contudo, alguns pesquisadores já desenvolveram formas alternativas de produção de carne, isto é, o cultivo em um ambiente estéril e controlado, sem que haja a necessidade de matar animais ao longo do processo. Da mesma forma, não haveria o prejuízo ambiental verificado no sistema convencional. Conforme notícia veiculada no site Exame, em 31 de maio de 2017:

<sup>27</sup> SORDI, Caetano. **Das Carcaças e Máquinas de quatro estômagos: Estudo das controvérsias sobre o consumo e a produção de carne no Brasil**. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS. Porto Alegre, 2013, p. 89.

<sup>28</sup> Idem, *ibidem*, p. 89.

<sup>29</sup> SCHLICKMANN, Helder; SCHAUMAN, Santiago Augusto. **Pecuária, desmatamento e desastres ambientais na Amazônia**. Revista Ciências do Ambiente On-Line, Agosto, 2007, Vol. 3, Núm. 2. Disponível em: < <http://www-di.inf.puc-rio.br/~endler/links/opinioes/RCA-OL-2007-113.pdf>>. Acesso em: 26.08.2017, p. 02.



Os especialistas da área dizem que o processo é indolor. Um pedaço de tecido menor que um grão de gergelim é retirado através de um pequeno procedimento de biópsia, sem que o animal sofra ou seja abatido. As células são então colocadas em uma solução com nutrientes químicos, onde vão crescer e se multiplicar, formando o mesmo tecido do animal<sup>30</sup>.

Como se vê, há medidas alternativas aos modos de produção tradicional, que não causariam maiores problemas à natureza, a exemplo do que ocorre atualmente. Carece-se, portanto, de incentivo estatal para essas práticas alternativas, assim como de proteção aqueles que adotam formas diferentes de alimentação, que não têm como base a proteína animal.

Dessa forma, diante das atuais discussões a respeito da necessidade de ações que viabilizem a preservação ambiental, a dieta alimentar composta por proteína animal mostra-se contrária a esse ideal. Ao tirar a vida de outro ser vivo, em prol de seu sustento, o ser humano traduz o domínio que exerce perante a natureza, inclusive, usufruindo das demais espécies, de modo desmedido. Além dos elementos vinculados à dignidade animal, o consumo de carne, como se viu, implica na utilização de outros recursos naturais, como a água. Por isso, pode-se dizer que a pecuária é uma prática insustentável, sob o ponto de vista ambiental, e que, possivelmente, seria causadora de alguns malefícios à saúde dos consumidores.

## CONCLUSÃO

A ideia de cultura do consumo é consonante a um momento histórico em que se rompeu a concepção de consumir somente para satisfação das necessidades físicas dos indivíduos e se passou a conceber os produtos e marcas como fontes de preenchimento de vazios sentimentais. Acompanhando essa tendência, o mercado fornecedor, cada vez mais, se utiliza de meios publicitários, para fazer com que os consumidores passem a acreditar que precisam adquirir para serem plenamente felizes. Essas ideias ganharam espaço no mesmo instante em que ascenderam as discussões em torno da importância de práticas

<sup>30</sup> A carne do futuro poderá ser 100% carne e 0% animal. Servido? Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/ciencia/futuro-podera-ser-livre-de-carne-como-a-conhecemos-servido/>>. Acesso em: 28.08.2017.



ecológicas sustentáveis, já que o ser humano passou a explorar os recursos naturais, de modo desmedido, em prol de suas necessidades, tanto as vitais quanto e, especialmente, as supérfluas.

Esse contexto social respingou nos hábitos alimentares, que, além de serem atos culturais, representam formas de relação das pessoas com a natureza. Nesse sentido, a utilização das espécies animais e vegetais, em prol do sustento humano, se, ilimitadamente, pode causar danos à preservação ambiental. Por isso, o próprio consumo de proteína animal, enquanto impulsionador da pecuária, é um hábito que prejudica a harmonia entre as espécies, o bem estar animal e o ecossistema.

Não se trata de abrir mão do sustento humano, mas sim de rever as atitudes dos indivíduos frente à natureza, transformando a visão especista em um convívio harmonioso e sustentável entre os seres vivos. Ocorre que a ordem cultural instaurada conduz à máxima exploração dos recursos naturais, em atendimento à ótica consumista.

Dessa forma, frente à necessidade de se repensar certas atitudes e estabelecer limites à atuação humana na natureza, com o fim de preservá-la para as presentes e futuras gerações, a redução ou a abstenção do consumo de proteína animal atenderia a essas premissas. Na verdade, faz-se necessária uma mudança de caráter cultural e social, de modo que o ser humano conceba o meio ambiente como um bem de todos. Deve-se visualizar os animais enquanto sujeitos passíveis de interesses, que precisam ser respeitados, fomentando o equilíbrio entre as espécies. Assim, ter-se-á uma cultura de práticas sustentáveis em prol de um bem comum a todos, a natureza.

## REFERÊNCIAS

**A carne do futuro poderá ser 100% carne e 0% animal. Servido?** Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/ciencia/futuro-podera-ser-livre-de-carne-como-a-conhecemos-servido/>>. Acesso em: 28.ago.2017.

ALMEIDA, João Batista de. **Manual de direito do consumidor**. - 5. ed. rev. - São Paulo: Saraiva, 2011.

BARROS, Antonio Claudio da Silva; CARVALHO, Cássia Torres de. **A sociedade de consumo e a cultura de massa no mundo pós-moderno de *Clube de Luta***. Disponível em: <[http://revistapensar.com.br/comunicacao/pasta\\_upload/artigos/a25.pdf](http://revistapensar.com.br/comunicacao/pasta_upload/artigos/a25.pdf)>. Acesso em: 20 ago 2017.





8 a 10 de novembro de 2017 - Santa Maria / RS

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

BAUMAM, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BENJAMIN, Antonio Herman V; MARQUES, Claudia Lima; BESSA, Leonardo Roscoe. **Manual de direito do consumidor** - 6. ed. rev, atual. e ampl. - São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.

CARNEIRO, Henrique. **Comida e Sociedade: uma história da alimentação**. - Rio de Janeiro: Campus, 2003.

MONTANARI, Massimo. **Comida como Cultura**. São Paulo: Editora Senac, 2008.

NUNES, Ernesto Luiz Marques. **Vegetarianismo além da dieta: ativismo vegano em São Paulo**. São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/4199/1/Ernesto%20Luiz%20Marques%20Nunes.pdf>>. Acesso em: 28.mai.2017.

POULAIN, Jean-Pierre. **Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar**/ Jean-Pierre Poulain; tradução de Rossana Pacheco da Costa Proença, Carmem Sílvia Rial, Jaimir Conte. 2. ed. - Florianópolis: UFSC, 2013.

SCAUTULINO, Patricia Leite da Silva; TROCCOLI, Irene Raguenet; ZAFANELI, Eduardo Santos Rocha. Cultura de consumo e valores pessoais do consumidor: contribuições científicas e proposta de um framework. **Revista do CEPE**. Santa Cruz do Sul, n. 43, p. 35-48, jan./jun. 2016. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/cepe/article/view/6852/5039>>. Acesso em: 20 ago 2017.

SCHLICKMANN, Helder; SCHAUMAN, Santiago Augusto. Pecuária, desmatamento e desastres ambientais na Amazônia. **Revista Ciências do Ambiente On-Line**, Agosto, 2007, Vol. 3, Núm. 2. Disponível em: <<http://www-di.inf.puc-rio.br/~endler/links/opinioes/RCA-OL-2007-113.pdf>>. Acesso em: 26.ago.2017.

SINGER, Peter. **Libertação Animal**/ Peter Singer; tradução Marly Winckler, Marcelo Brandão Cipolla; Revisão técnica Rita Paixão. - São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SORDI, Caetano. **Das Carcaças e Máquinas de quatro estômagos: Estudo das controvérsias sobre o consumo e a produção de carne no Brasil**. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS. Porto Alegre, 2013.

VALENTE, Flávio Luiz Scheick. **Direito humano à alimentação: desafios e conquistas** / (organizador) Flávio Luiz Scheick Valente. - São Paulo: Cortez, 2002.